

# A anilhagem de aves:



O que é  
e para que ser

Autores: David Rodrigues  
Centro de

Por vezes, há um ou outro caçador que cobra uma ave anilhada. Geralmente ficam a pensar onde terá sido anilhada a ave, mas muitos não sabem o que fazer à anilha nem porque razão foi a ave, ao certo, marcada daquela forma. É a estas e outras questões que pretendemos responder a seguir.



*Pato-trombeteiro com marca no bico.*

**A** anilhagem propriamente dita começou em 1889 na Dinamarca, quando H. D. Mortensen libertou estorninhos portadores de anilhas metálicas numeradas, onde se encontrava gravada a sua morada. Esperava assim que, se um estorninho – ou a anilha – fosse encontrado algures, a informação fosse enviada para sua casa, ficando a conhecer os movimentos realizados pela ave. Hoje em dia existe, em praticamente todos os países, pelo menos uma central de anilhagem que coordena as operações e centraliza a informação. As anilhas (geralmente numa liga de metal) têm um código individual (com números e/ou letras) e a informação da respectiva central de anilhagem. Assim, quem recapturar, caçar ou encontrar morta uma ave com anilha, deve retirar a anilha e enviá-la para a central de anilhagem do seu próprio país. Depois recebe a informação de onde foi anilhada, o seu peso, asa, sexo e idade, a distância que percorreu e os dias que viveu. Se for uma ave anilhada no estrangeiro, é a central nacional que contacta com a central que consta na anilha, enviando os dados de onde e como a anilha foi encontrada. Depois de receber da central estrangeira os dados referentes à anilhagem, transmite esta informação a quem recapturou, caçou ou encontrou morta a ave anilhada. Confuso? Nada como um exemplo: Um caçador russo – Ivan de seu nome – caçou em Pyale, perto de Leninegrado um pato anilhado em que na anilha estava escrito: CEMPA. Secretaria de Estado Ambiente Lisboa, MO18141. Retirou a anilha e enviou-a

para a central russa de anilhagem em Moscovo, indicando o local onde caçou o pato e a data (08/05/98). A central Russa viu que a anilha era da central Portuguesa e enviou para Portugal esta informação. A central nacional foi consultar os seus registos e verificou que os anilhadores tínhamos sido nós e que a ave era um Pato-real macho e jovem do ano, anilhado na Reserva Natural das Dunas de S. Jacinto (perto de Aveiro) em 14/08/97, quando tinha um peso de 995 gramas e uma asa direita de 262 milímetros (dados que são enviados pelos anilhadores para a central, depois das anilhas serem aplicadas). A central nacional enviou essa informação para a central Russa, que por sua vez a deu a conhecer ao caçador. A central nacional também nos enviou a informação de que o pato tinha sido caçado na Rússia, por um caçador de nome Ivan, no local e data já referidos, referindo também que o pato percorreu 3580 km (distância em linha recta entre S. Jacinto e o local da caçada) e viveu 267 dias. Se a anilhagem surgiu inicialmente para estudar os movimentos e migrações, rapidamente evoluiu para estudos de utilização de habitat (que áreas é que as aves utilizam e quando), de genealogia (ex: o Chapim-real E acasalou com a fêmea C que era filha da A) e doutros aspectos da dinâmica das populações (ex: taxas de sobrevivência e taxas de movimento entre várias populações de Ganso-comum). Também o processo de marcação evoluiu e hoje já se utilizam também outras marcas, para além das anilhas metálicas. Utilizam-se anilhas

ve?

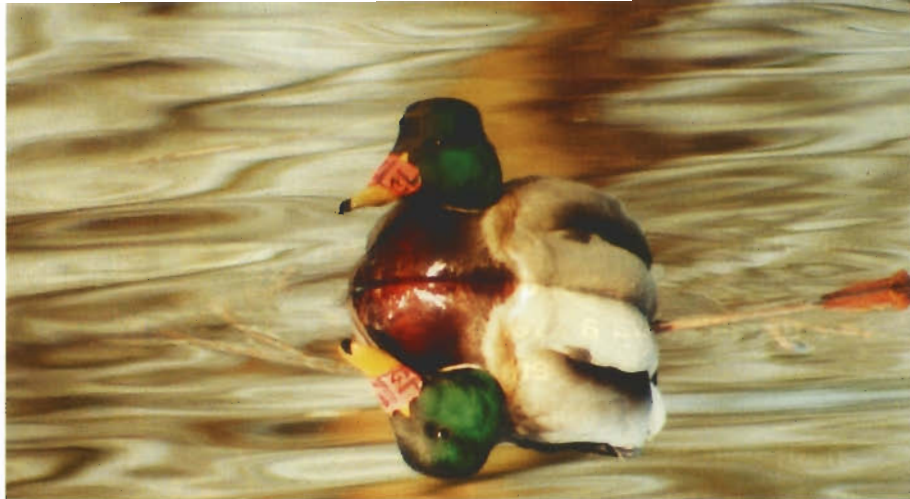
António Fabião  
Estudos Florestais

de cor (com ou sem código impresso), marcas nas asas, ou mesmo marcas no bico, como aquelas que utilizamos nos patos. Estas marcas visuais têm a vantagem de poderem ser lidas à distância, com binóculos ou telescópios, sem recapturar a ave, maximizando a informação obtida. No exemplo já referido de um Pato-real caçado na Rússia, que corresponde a uma situação realmente ocorrida, pela marca no bico ficámos a saber que a ave, depois de anilhada, ficou em S. Jacinto mais um mês antes de sair definitivamente do local. Podemos ainda referir outro exemplo, como o dum Pato-trombeteiro marcado em Outubro de 1998, também em S. Jacinto, que passou lá o Inverno todo até Março de 1999.



**Piadeira com anilha metálica.**

Posteriormente foi visto na Bélgica em Outubro do mesmo ano e, em Novembro, já estava outra vez em S. Jacinto, onde passou novamente todo o Inverno. As observações das marcas visuais também são geralmente mais fáceis de obter do que as recuperações de anilhas: dos perto de 3500 Patos-reais que marcámos, obtivemos menos de 200 anilhas devolvidas, mas fizemos mais de 15 000 observações. Este facto levanta uma questão pertinente: qual é a vantagem dos caçadores colaborarem na devolução das anilhas? Como foi já evidenciado,



**Pato-real com marca no bico.**

a anilhagem e marcação de aves serve para as estudar e, assim, se saber mais sobre a sua ecologia e biologia. Este conhecimento é indispensável para fundamentar o ordenamento das suas populações e a gestão cinegética mais adequada à manutenção da caça como actividade sustentada. Desta forma, ao devolver uma anilha e ao fornecer informações sobre as circunstâncias em que a obteve – se a ave foi caçada ou encontrada morta, e qual a data, concelho e distrito onde se fez a recuperação – o caçador está a participar no avanço dos conhecimentos existentes sobre a espécie, contribuindo no caso das espécies cinegéticas para fundamentar adequadamente o seu ordenamento e o seu fomento e, logo, para a existência de mais e melhor caça. O caçador obtém também a informação referente aos movimentos conhecidos da ave, enviada para a morada que indicar, bem como a devolução da anilha, se a tiver pedido, aumentando assim o seu próprio conhecimento acerca da forma como vivem as espécies que caça. Mas para onde é que os caçadores devem enviar as anilhas? Infelizmente nem o manual para exame de carta de caçador, nem os calendários venatórios, referem esta informação. A morada da central

de anilhagem em Portugal é a seguinte: Central Nacional de Anilhagem, Rua Filipe Folque, nº 46 – 5º, 1050-114 LISBOA. Colabore. Vai ver que vale a pena! A falta de informação quanto à anilhagem e à forma como funciona resulta geralmente na fraca colaboração dos caçadores, que é absolutamente indispensável para o sucesso desta actividade, mas também tem gerado algumas “estórias” engraçadas, ou nem por isso! Uma com piada aconteceu quando falávamos com uns caçadores de patos na Ria de Aveiro e um disse que realmente tinha morto um Pato-real com anilha metálica na pata e marca no bico e não tinha enviado para ninguém pois não sabia para quem. No entanto garantia a pés juntos que o pato tinha sido anilhado no Japão pois a marca do bico tinha as letras JP! Logo outro acrescentou que também já tinha caçado patos anilhados com marca, mas tinham sido anilhados no Tejo, pois as anilhas diziam LISBOA! Uma das tais “estórias” a que não achámos tanta piada, pelo menos na altura, aconteceu quando, num dos primeiros dias de caça, estávamos a almoçar numa “tasca” perto de uma zona de caça, que por sua vez era perto de um local onde anilhamos Patos, Galinhas-d’água e Galeirões.





a localização exacta da ave, quando a informação é transmitida para as bases em Terra. No entanto, estes emissores ainda são bastante pesados (o mais pequeno ainda só pode ser utilizado em aves maiores do que os patos) e são muito dispendiosos. Actualmente a anilhagem e a marcação são fundamentais para o estudo das aves e os caçadores podem e devem colaborar com estes estudos devolvendo as anilhas, pois serão os primeiros a ser beneficiados pelo conhecimento que assim se adquire. Para além dos exemplos já mencionados, podemos referir algumas respostas a questões básicas, como por exemplo: o Pato-real em Portugal é sedentário ou migrador? Nós costumamos dizer que não é uma coisa nem outra, pois não sendo basicamente migrador (embora alguns migradores do Norte da Europa venham passar o Inverno entre nós, como se ilustra no mapa), também não é propriamente sedentário, pois existem muitos movimentos entre as diversas populações locais e regionais. Designamos as populações nacionais de Pato-real como residentes. E as populações de Galinha-d'água? Muitos de vós dirão que também são sedentárias ou residentes, e têm razão. Mas estavam à espera que em Portugal fossem caçadas galinhas-d'água com anilha da Dinamarca e da Bélgica? Falaremos nos exemplos referidos e noutros, num próximo artigo sobre os movimentos e migrações destas aves aquáticas.



**Pato-real com emissor de telemetria.**

se valeu a pena as horas que gastámos a tentar convencer os senhores, pois havia um que dizia, inclusivamente, que conhecia um bombeiro da corporação contratada para fazer o transporte dos patos!?! Voltando à marcação das aves, hoje em dia também se utilizam métodos mais evoluídos, como a telemetria tradicional e a telemetria por satélite. A primeira surgiu nos anos 60-70 e consiste em colocar nas aves um emissor de rádio. A ave depois é detectada por um receptor de rádio com a ajuda de uma antena direccionada. Com o evoluir da tecnologia, os emissores tornaram-se cada vez mais pequenos e sofisticados, existindo alguns com menos de 1 grama e outros que podem medir temperaturas, batidas de coração, altitude... A telemetria por satélite funciona da mesma forma, mas o sinal emitido pelos emissores de rádio é captado por satélites que indicam automaticamente

Estávamos a meio da refeição quando começámos a ouvir uns caçadores a referir que aquela abertura não tinha dado patos porque os !#\*?%o#! (não se escreve porque não é publicável) que andavam a anilhar os patos quando os apanhavam levavam-nos para a barragem da Agueira, para ver se eles voltavam. Entre outras coisas diziam que, se os apanhassem (nós!!) outra vez na zona de caça a medir os patos, levavam com um tiro no carro e com sorte iam a pé para casa!!! É claro que, depois de tomarmos as devidas precauções, tentámos explicar aos senhores que a culpa da falta de patos era dos arrozais e não nossa (este tema dos arrozais fica para uma próxima oportunidade), e o que eles diziam não fazia sentido, pois o que queríamos era saber para onde iam os patos dali. Ficámos sem saber

**Mapa dos movimentos de Patos-reais marcados em Portugal para fora da Península Ibérica, ou de fora da Península Ibérica para Portugal (linha e círculo verde – pato observado; Linha e círculo amarelo – patos caçados).**

